

### III – PROBLEMAS DA AMÉRICA LATINA

#### 1. O BRASIL E A DEFESA DO OCIDENTE

Cel GOLBERY DO COUTO E SILVA

##### 1. INTRODUÇÃO

O tema que nos propomos a abordar neste ensaio, implica, por si mesmo, algumas questões preliminares que, certamente, estão a exigir pronta resposta, e admite, desde logo, certas premissas cuja discussão, ainda que breve, nos parece também indeclinável.

O Brasil e a defesa do Ocidente.

Mas que Ocidente é este, num mundo como o atual que, desde há muito, repudiou a Mercator e sua tradicional perspectiva deformada e, sem dúvida, unilateral? Que posição ocupa, afinal, o Brasil nesse Ocidente que importa, antes de tudo, definir?

A defesa do Ocidente.

Esse Ocidente de que se trata, então, acha-se seriamente ameaçado. Que ameaça ou ameaças são essas que, de tão importantes, tão sabidas, desnecessário parece até qualificá-las? Donde partem? Qual o seu vulto, sua natureza, o seu grau de premência? E, mais, que repercussões apresentam ameaças dessa ordem para o Brasil?

Frente a essas ameaças vitais que o assaltam, a esses antagonismos graves com que se defronta, a esses inimigos perigosos que o espreitam — deverá, por certo, o Ocidente ter traçado toda uma estratégia, estabelecido pelo menos um conceito defensivo, conduzido uma ação ou previsto reações. Quais, então, as linhas gerais dessa estratégia ocidental? Envolvem elas o Brasil? Exigem elas uma intervenção, a participação brasileira?

Por outro lado, o Brasil, como Estado-Nação neste mundo ainda de dezenas de Estados-Nações, mais ou menos soberanos e autônomos e que contendem, portanto, em vários setores de seus interesses restritos, mas legítimos, tem também seus Objetivos Nacionais a alcançar, uma Política a realizar, uma Estratégia a conduzir. Ora, essa estratégia brasileira, atenta primordialmente, portanto, aos supremos interesses da coletividade nacional e de sua segurança, depende ela, por acaso, desse



Ocidente de que falamos? Em que interfere, favorável ou desfavoravelmente, com a estratégia própria desse Ocidente? Ou, em outras palavras: em que o Ocidente precisa do Brasil, para a sua estratégia? em que, ao revés, depende o Brasil, desse Ocidente, para a sua própria estratégia nacional? A discussão de tantas perguntas possivelmente nos levará a caminho da desejada conclusão — o papel do Brasil na defesa do Ocidente.

Tentemos, pois, empreender, a largos traços embora, essa discussão encadeada segundo o roteiro que naturalmente nos oferece:

- o Ocidente e o Brasil;
- ameaças dominantes ao Ocidente e sua significação para o Brasil;
- o Ocidente precisa do Brasil;
- o Brasil depende do Ocidente;
- conclusão: atitude a assumir pelo Brasil quanto à defesa do Ocidente.

(Continua)



“Por isso acho que o grupo interamericano de nações conhecido hoje por Organização dos Estados Americanos ocupa a primeira linha na política exterior americana. E, por acidente geopolítico, é também a região em que os Estados Unidos podem fazer mais para orientar os acontecimentos do que qualquer outra onde exerçam influência.”

ADOLF A. BERLE JR. — Obra citada.



## 2. OS INVESTIMENTOS NORTE-AMERICANOS E A EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA (1)

PIERRE MONBEIG

(Traduzido dos "Annales de Géographie"  
n. 342-55 — Paris — France, por  
Olga Buarque de Lima)

O aproveitamento dos recursos naturais nos países insuficientemente desenvolvidos, sua industrialização, o progresso e a estabilidade de seu comércio exterior, o melhoramento do nível de vida de seus habitantes dependem em grande parte dos investimentos nêles efetuados por países mais evoluídos. Conhecer o volume desses investimentos, suas variações e incidências, precisar-lhes a origem e a aplicação constitui um dos aspectos fundamentais da geografia econômica. Na América Latina, é bem conhecido o papel desempenhado pelos capitais europeus durante a segunda metade do século XIX e até 1914. São os responsáveis pela maior parte das transformações que acompanharam de perto ou de longe as guerras de independência, pois, agiram como estimulantes em todos os ramos da atividade econômica. Forneceram aos países latino-americanos os instrumentos indispensáveis ao desenvolvimento do comércio exterior, na época em que este girava em torno da Europa industrial e bancária. Poder-se-ia citar como exemplo da política geográfica dos investimentos europeus os que foram, por assim dizer, a especialidade dos britânicos: a construção das vias férreas destinadas a drenar para os portos do Pacífico ou do Atlântico produtos agrícolas ou minerais: primeiro as vias férreas argentinas, depois as vias férreas andinas, a linha férrea Santos a Jundiá e a Ilhéus a Conquista para o café e o cacau, as estradas de ferro de Honduras e a de Vera Cruz à Cidade do México. No México, entretanto, assim como nos Andes, os capitais americanos se interessavam pelos eixos norte-sul. No começo do século XX a América Latina era uma espécie de vasta plantação, de enorme mina, que, por intermédio de capitais europeus, contribuía para o abastecimento da Europa. Mas, para conseguir esse resultado, os capitais europeus haviam sido distribuídos por um campo de ação extremamente amplo. Tocaram em tudo, estiveram presentes em toda parte. O investimento em títulos e ações, que era o processo mais freqüente, limitava a ação de seus possuidores a uma participação apenas indireta em relação à empresa financiada. A maior parte destes investimentos provinha do Reino Unido com, pelo menos, 5 bilhões de dólares em 1913; retenha-se-lhe a aplicação: mais de 75% dos empréstimos eram destinados aos governos federais, provinciais ou municipais, às vias férreas e aos serviços públicos. Eram também os empregos de capitais preferidos pelos franceses (1.200.000.000

(1) A documentação baseia-se nas publicações anuais da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) das Nações Unidas: *Economic Survey of Latin American*, no *Survey of Current Business*, nas *Notes Mensuelles* do Banco Francês e Italiano para a América do Sul, e em informações fornecidas pelo *Service des Études Financières du Crédit Lyonnais*. Os relatórios sobre diferentes países da América Latina (Cuba, Guatemala, Nicarágua, México e Colômbia) elaborados pelo Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) contêm muitas informações. O número que a *Revue Économique* consagrou ao dólar (1954, março, n. 2), os artigos de Bernard Ducros ("Les investissements américains à l'étranger") e de León Buquet ("Les problèmes monétaires de l'Amérique Latine") foram de grande auxílio. Deve-se assinalar aos geógrafos uma excelente revista americana, *Inter-American Economic Affairs*, editada em Washington: naquela encontrarão numerosos artigos que além de bem documentados contêm elementos preciosos para os trabalhos que empreendem. Desejo agradecer a D. Alice Canabrava, professora da Universidade de São Paulo, pela gentileza que teve de enviar-me informações e dados coligidos em diversos trabalhos que, acredito, não se encontrem em Paris.



de dólares) e pelos alemães (900 milhões). A amplitude destas somas, sua distribuição através de toda a América Latina, a variedade de suas aplicações exprimiram perfeitamente a função universal do capitalismo europeu, naquela ocasião, banqueiro do mundo (2).

Conhece-se a história dessa preponderância financeira, e é possível avaliar-se o declínio através da observação dos investimentos ingleses: 1.154 milhões de libras em 1937, 632,7 em 1948 e 373 em 1953 (cifra fornecida sem garantia) (3). Pelo contrário, os Estados Unidos, que tinham investido 1,3 milhões em 1913, alcançavam 7.999 milhões em 1953.

Como é fascinante estabelecer-se uma aproximação entre o evoluir da América Latina e esta espécie de mutação dos investimentos? Depois da fase dos capitais europeus, da expansão agrícola e da mineração seguiu-se a da indústria e dos investimentos norte-americanos. As velhas imagens dos campos de trigo argentino, dos cafézais brasileiros, das usinas de nitrato chilenas, ilustrariam o antigo reino da libra esterlina; as fotomontagens modernas das cidades ericadas de arranha-céus, das siderúrgicas e de seus possantes altos fornos revelariam ao grande público a obra revolucionária do dólar. Qual o papel geográfico dos investimentos efetuados pelos Estados Unidos na América Latina?

A penetração financeira norte-americana, iniciada no México, intensificou-se depois da guerra de Cuba (1898) e com a subida ao poder de T. Roosevelt. Em 1913, 86% dos investimentos se achavam concentrados no pequeno mundo do mar das Caraíbas; Cuba e México detinham quatro quintos. Na época que precedeu a guerra o montante anual dos investimentos americanos era aproximadamente de 8.500.000 dólares.

O ritmo das inversões de capitais americanos acelerou-se a partir de 1920. Enquanto os investimentos europeus revelam um recuo sensível, passando a Grã-Bretanha a enviar apenas 40 milhões de dólares por ano, a contribuição norte-americana alcançava 350 milhões. A preferência pelos vizinhos próximos ainda era forte, porém já se mostrava menos exclusiva. O mundo dos Caraíbas recebia dois terços, Cuba e México 55%, quanto à América do Sul se acredita recebesse 34% do montante anual. Este estado de coisas permaneceu enquanto houve prosperidade. Em 1929, em uma massa global de 3.461 milhões de dólares investidos na América Latina, Cuba contava com 919, seja 26,5%, México 682, seja 19,6%, Chile 422, seja 12%, a Argentina 331,8 seja 9,5%. Bem recuados, neste grupo, achavam-se a Venezuela (232,5 milhões), o Brasil (193), a Colômbia (124), o Peru (123,8). Proporcionalmente às respectivas rendas nacionais e à importância dos mercados internos, a parte destinada aos países da América Central não era desprezível: para a Guatemala 70%, para Honduras 71,5, Panamá 28, e aproximadamente 70 para São Domingos (4).

Financeiramente a década da prosperidade foi, sem dúvida, a da substituição dos capitais europeus pelos investimentos norte-americanos. Ter-se-ia verificado o mesmo sob o ponto de vista geográfico? Na maior parte dos casos, as inversões americanas respondem às mesmas preocupações e às mesmas necessidades que haviam motivado as remessas européias: culturas tropicais da América Central e de Cuba, minas do Chile e do Peru marcam o início do controle americano sobre o mercado mundial e nada apresentam que possa ser considerado singular. Mais original é o interesse testemunhado aos produtores de petróleo:

(2) Léon Buquet, "Les problèmes monétaires de l'Amérique Latine" (Revue Économique, 1954, n. 2, março, pp. 217-250; ver p. 219).

(3) *Economic Survey of Latin America*, 1948, p. 228.

(4) Para os anos de 1913, 1920 e 1929, ver: Paul R. Olsen et Hiskman, C. Addison, *Pan American Economics*, New York et Londres, 1943, IV-479 páginas; *Survey of Current Business*, United States Direct Investments in Foreign Countries, vol. 32, 1952, n. 12, dez., p. 7.



México, Argentina, Venezuela, Colômbia e Peru. E, sobretudo, o fato de os investimentos efetuados no Brasil, parte dos da Argentina, do Chile e mesmo do México, terem sido destinados à criação de indústrias de transformação. Neste período registrou-se a primeira imigração de indústrias norte-americanas, suscitada não só pela preocupação de se colocarem ao abrigo das barreiras alfandegárias levantadas pelos governos sul-americanos como pelo desejo de melhor aproveitar os mercados internos, em plena expansão, graças aos preços remunerados das exportações agrícolas. Este segundo fator exerceu provavelmente influência bem maior que aquela que, geralmente, lhe é atribuída. Para se ter uma idéia disso, basta considerar que, logo depois da crise de 1929, muitas fábricas, de origem norte-americana, recém-fundadas no Chile e no Uruguai, fecharam as portas por falta de clientela.

Os capitais europeus, por sua vez, adquiriram depois da primeira guerra um caráter muito mais industrial. Mas não tiveram, exatamente, o mesmo destino dos capitais americanos. A ARBED montava seus altos fornos a carvão de madeira em Minas Gerais onde vizinhava com a "Fonderies de Pont-à-Mousson"; em São Paulo, a "Rhône-Poulenc" inaugurava a sua indústria química e de têxteis artificiais. Havia, portanto, interesse pelas indústrias de base e além disso os laços mantidos com as casas matrizes da Europa eram quase unicamente técnicos e financeiros. As usinas criadas graças aos investimentos americanos eram, ao contrário, essencialmente complementos das exportações americanas, como por exemplo, a de montagem dos carros da "Ford" e da "General Motors", na Argentina e no Brasil. Procura-se animar indústrias de transformação nas quais se utilizam produtos elaborados ou semi-elaborados vindos dos Estados Unidos ou, então, desenvolver indústrias extrativas para satisfazer às necessidades do consumo norte-americano (5).

A crise econômica acarretou um retraimento de capitais. Os investimentos norte-americanos atingiram apenas 2.803.100.000 dólares em 1935, e 2.721.200.000 em 1943. Este retraimento dos capitais não afetou de igual modo todos os países e houve apenas, por vezes, uma diminuição passageira do fluxo de dólares. Os mais atingidos foram os Estados da América Central e das Antilhas; Cuba e México viram repatriar-se 43,7 e 58% das somas que nêles haviam sido investidas em 1929; a parte que lhes coube correspondeu apenas a 19 e 10% do total de 1943. Nos estados sul-americanos onde já haviam sido efetuados investimentos industriais, houve estabilidade e mesmo progresso no Chile, na Argentina que recebeu uns 50 milhões entre 1929 e 1943 e no Brasil que foi aquinhado com 39. É que, em período de depressão observa-se que as compras de produtos industriais efetuadas pelos países latino-americanos diminuem, ao mesmo tempo que se desenvolve um nacionalismo econômico que leva os governos a inclinar-se para o protecionismo. Desde que o mercado seja bastante ponderável, as indústrias americanas têm todo interesse em abrir usinas e aumentar os investimentos. Duas repúblicas da América Latina receberam a maior parte dos capitais americanos durante estes anos de crise e de preparativos para a segunda guerra: Panamá, onde os investimentos passaram de 2 milhões em 1929, a mais de 110 em 1943, destinados como se sabe, à frota mercante; Venezuela, que recebeu, em 1943, mais de 372 milhões de dólares. Na América Latina apenas quatro países, Argentina, Venezuela, Chile e Brasil, absorviam, em 1943, aproximadamente metade dos investimentos dos

(5) Muitos investimentos europeus visavam, por outro lado, à criação de mercados para as indústrias do Velho Mundo. Um dos melhores exemplos nos é dado pelos investimentos ferroviários britânicos que faziam surgir consumidores para os produtos da metalurgia e das indústrias mecânicas britânicas e aumentavam a clientela das minas carboníferas inglesas. Em relação aos primórdios da instalação na América Latina de empresas industriais americanas, ver Phelps, Dudley Maynard, *Migration of Industry to South America*, New York e Londres, 1936, X-35 páginas.



Estados Unidos. Os anos de crise foram anos de expansão dos capitais norte-americanos, mas não se pode deixar de observar uma preferência especial por alguns países particularmente atraentes (6).

A segunda guerra mundial e os dias subsequentes foram o período do boom dos investimentos norte-americanos. Em 1946, o montante se elevava a 4.301 milhões de dólares; em 1947, a 5.221 milhões. Atinse-se 6.130 milhões, em 1950, e 7.999 no fim de 1953. Até então é possível considerar-se que os investimentos só entravam na categoria de investimentos privados. A partir da última guerra, tornou-se indispensável distinguir os investimentos públicos provenientes da intervenção financeira de Washington ou de organismos bancários oficiais e os investimentos privados.

Na América Latina, estes últimos demonstraram sempre preferência pelo investimento direto. Em 1930, a relação entre investimento em títulos e investimento direto era de 1 para 2, dez anos mais tarde era de 1 para 3. No fim de 1953, segundo o "Survey of Current Business", o total dos investimentos privados elevava-se a 7.057 milhões de dólares, dos quais 6.023 pertenciam aos diretos (7). O desinteresse pela carteira de títulos, tão da preferência dos europeus, é causado pelas ameaças de nacionalização. Por outro lado a prática do investimento direto permite exercer melhor controle comercial, correspondendo, deste modo, aos móveis geográficos de expansão do dólar.

Os investimentos diretos representavam 70,7% (3.045 milhões) do montante global em 1946, 75,0 (com 6.023 milhões) em 1953. A contribuição anual era de 518 milhões antes da guerra da Coréia; esta, por vez, acarretou um recuo momentâneo para 245 milhões. O recorde teria sido verificado em 1952, com 682 milhões, tendo a retração em 1953 ocasionado um novo recuo para 265 milhões. Estas oscilações imprevisíveis tornam impossível para os beneficiados qualquer previsão econômica. A dependência em relação aos investimentos estrangeiros, cuja taxa é extremamente variável, contribui para aumentar a vulnerabilidade das economias subdesenvolvidas da América Latina às menores perturbações da política e da economia mundiais. Situação ainda mais sensível que a do começo do século, pois atualmente é o barômetro de um só país que registra a bonança ou o mau tempo.

Os documentos estatísticos abrangem no total dos investimentos anuais o montante de investimentos e dos lucros não distribuídos, cujo volume é, entretanto, bem apreciável: em 1946-1950 era estimado em 38% dos investimentos globais, em 1951, 57% (8). O aumento dos reinvestimentos provém das dificuldades de obtenção de câmbio nos países que não pertencem à zona do dólar; é a consequência dos óbices que as legislações nacionais criam à exportação de capitais. O montante elevado dos reinvestimentos, isto é, na realidade dos lucros, justifica tais restrições, sem as quais os estados latino-americanos sofreriam pesada perda de substância. Mas há protestos por parte das empresas e do governo americano, e por ocasião das conferências pan-americanas, um abrandamento das disposições em vigor é apresentado como condição para o aumento e a regularidade de novas remessas de capitais. Constitui assunto permanente de conflito no seio da opinião pública (mais exatamente das classes dirigentes) e de controvérsia na União dos Estados Americanos. A dificuldade em achar-se uma solução ressalta mais uma vez a fragilidade das economias latino-americanas.

(6) As mudanças sobrevindas entre 1929, 1936, 1943 e 1950 foram estudadas de acordo com os dados do *Survey of Current Business*, artigo citado, nota 4.

(7) *Survey of Current Business*, 1954, vol. 34, n. 5, pp. 9-14. Quadro dos diferentes tipos de investimentos na América Latina, por ano, de 1946 inclusive a 1953 inclusive.

(8) *Economic Survey for Latin America 1951-1953*, p. 157 (édition renéotypée).



Em relação ao volume dos investimentos americanos no mundo, 42,8% encontravam-se ao sul do Rio Grande, em 1949, e 48,7, em 1952. A proporção mostra a amplitude do campo que prospectam, na América Latina, industriais e homens de negócios americanos. A distribuição geográfica destes investimentos marca nova etapa na evolução, cujos modestos primórdios durante o período de 1913-1920 foram por nós indicados. A concentração em favor do mundo dos Caraíbas sucedeu uma dispersão mais acentuada, que, entretanto, comportava desigualdades. Cuba e México reúnem apenas 16,9% dos investimentos, com um montante de 686 milhões de dólares para Cuba (11,9%) e 490 para o México (5%). Dentre os países do-mar dos Caraíbas os fornecedores de produtos tropicais foram novamente os beneficiados pelos capitais norte-americanos ao terminar a crise dos anos de 30: a República Dominicana, Guatemala, cujas taxas de aumento permanecem desproporcionadas às possibilidades de seus mercados internos. No fim de 1952, seis países sul-americanos reuniam 63,9% dos investimentos (Venezuela, Brasil, Chile, Argentina, Colômbia e Peru). Em um deles, entretanto, o ritmo das inversões sofreu, em dez anos, variações bastante grandes: a Argentina, onde os primeiros anos de governo do General Perón e de sua política nacionalista desencadearam uma retração de capitais (380 milhões, em 1943, 329 em 1949). O segundo plano Perón demonstrou maior predileção pela agricultura, mais modéstia nos projetos de industrialização e menos violência a respeito dos Estados Unidos: imediatamente os investimentos retornaram a marcha ascendente e ultrapassaram o volume de 1929, com 393 milhões. Os mais favorecidos pelos capitalistas norte-americanos foram Venezuela e Brasil, recebendo respectivamente 1.184 milhões de dólares (20,5%) e 1.013 milhões (17,8%). Enquanto o total dos investimentos na América Latina aumentava de 3.037 milhões entre 1943 e 1952 estes dois países recebiam 1.591. Comentou-se que, "de 1946 a 1949, 72% dos investimentos feitos pelos Estados Unidos na América Latina, tinham sido absorvidos pela indústria petrolífera da Venezuela" (9). De 1949 a 1952, 51% foram destinados unicamente ao Brasil. Os favores do dólar não se distribuem, pois, de igual modo pelos vários países. Que os atraí? Que influência exercem?

Tradicionalmente os capitais americanos se orientaram para setores de atividade bem mais restritos que os procurados outrora pelos capitais europeus. Estimava-se que, em 1940, aproximadamente 55% dos investimentos americanos tinham um caráter "colonial", isto é, animavam, sobretudo, empresas que contribuíam para a produção de matérias-primas e para a exportação (10). Pouco menos de 35% eram investidos em serviços públicos e em transportes, quando, em 1937, 42,8% dos capitais britânicos se dirigiram às vias férreas e 28,6 aos empréstimos governamentais. Enquanto no Canadá 817 milhões de dólares norte-americanos se destinavam às indústrias, as da América Latina haviam recebido apenas 322 milhões em 1943, ou seja 13% do montante dos investimentos diretos. Petróleo, minas e agricultura, entretanto, agrupavam 52%, quando, no conjunto do mundo, estes três ramos só representavam 36% dos investimentos realizados pelos Estados Unidos.

Depois da guerra, às empresas petrolíferas cabiam 29,7% dos investimentos; era, pois, o setor mais procurado. Às minas e às indústrias anexas (refinação do cobre, estanho, etc.) foram destinados 13,2%, aos serviços públicos e transportes 22, achando-se estes dois grupos em recuo em relação a 1940. Ao contrário, as inversões industriais tinham progredido de modo apreciável, pois sua porcentagem atingira 17,8%. A

(9) Léon Buquet, artigo citado, 2, p. 221.

(10) Sobre o aspecto "colonial", ver os comentários de Olson et Hickman, obra citada, nota 4, e Feurlein e Hannan, *Dólares en la América Latina*, México, 1944, 207 páginas, trad. do inglês.



agricultura, com 10% apenas, era o parente pobre. Desde 1950, os investimentos destinados ao petróleo sofreram ligeiro recuo, os destinados às minas e às indústrias aumentaram. As jazidas de ferro da Venezuela, do Peru, do Brasil, o manganês brasileiro do Amapá, o cobre do Chile e do Peru foram os mais beneficiados pelas contribuições dos últimos anos. Quanto aos investimentos industriais efetuaram-se, sobretudo, em favor do Brasil que, em um total de 196 milhões de dólares destinados, em 1951 e 1952, aos "manufacturing investments", recebeu 126%; o restante destinou-se ao México, à Colômbia e à Venezuela (11).

Para fugir-se aos quadros por demais *flous* das grandes classificações dos ramos de investimentos e aproximar-se mais da realidade é necessário reportar-se ao recenseamento de 1951 que traduz a situação de 1950 (12). Os investimentos que podem ser chamados "primários", agricultura, exploração de minas e de petróleo em particular, atingiam 2.482 milhões de dólares, 53,1% do volume global; os investimentos industriais constituíram apenas 16,5%. Entre os investimentos industriais é indispensável fazer-se distinções, não sendo possível atribuir-se a todos, indiscriminadamente, iguais conseqüências geográficas. Alguns são o prolongamento imediato dos investimentos destinados à exploração das matérias-primas da América Latina: indústrias alimentares, fábricas de papel, indústrias de metais, de borracha. Acrescentando-se os investimentos concernentes a estas indústrias ao grupo dos investimentos primários, chega-se a um total de 2.749 milhões ou seja 58,7%. A quota destinada às verdadeiras indústrias de transformação (máquinas, carros, aparelhagem elétrica, etc.) capazes de significar que verdadeiramente existe uma industrialização e um evoluir econômico e social, reduz-se, então, à soma modesta de 328 milhões de dólares, ou seja 7% do total.

A importância dos investimentos destinados à produção de matérias-primas é tanto mais acentuada quanto a economia do país a que se destinam é menos evolvida. Na maioria dos casos, uma única atividade, freqüentemente até mesmo um só produto, absorve uma porcentagem dos investimentos que às vezes ultrapassa de muito a metade. No Peru e no Chile, 39 e 64,7% se destinaram às indústrias minerais, extração e refinaria; na Colômbia e na Venezuela, 57 e 86% concentraram-se na produção petrolífera; no Brasil, 43% são aplicados nas indústrias de transformação (13). Uma distribuição mais equitativa entre as várias atividades indicaria uma participação mais decisiva no desenvolvimento de todas as possibilidades naturais, atenuando desse modo o caráter colonial dos investimentos. Nada houve de semelhante no pós-guerra. Os investimentos continuam tendo como função essencial ou a de aumentar a produção das matérias-primas necessárias ao mercado americano, ou a de instalar fábricas que trabalharão com produtos importados dos Estados Unidos. É possível que se verifique o esboço de uma transformação nos próximos anos. A General Motors, forçada pela concorrência de firmas alemãs (Volkswagen), deverá em breve construir uma fábrica de automóveis entre São Paulo e Volta Redonda, que não precisará recorrer à importação de peças de qualquer espécie.

No momento, a concentração, dos investimentos em pequeno número de atividades não contribuiu para renovar as economias da América Latina; manteve-lhe a fragilidade tradicional. Nos países andinos, no Peru, por exemplo, o retrocesso da atividade agrícola em relação ao crescimento demográfico e ao aumento do operariado que se destina à mine-

(11) Survey of Current Business, Growth in Private Foreign Investments, 1954, vol. 34, n. 1, pp. 5-10; Economic Survey of Latin America, 1953, pp. 37-41.

(12) Artigos citados do Survey of Current Business. Ver também: Jean Dauvergne, "Les investissements des U.S.A. dans le monde" (Cahiers Internationaux, n. 49, 5<sup>e</sup> année, pp. 65-78).

(13) Survey of Current Business, art. cit., nota 7.



ração e à indústria, dentro do quadro de uma natureza pouco pródiga, obriga a importação de quantidades sempre crescentes de gêneros alimentícios.

Os "manufacturing investments" encaminharam-se para as repúblicas que haviam alcançado algum progresso industrial decorrente dos lucros obtidos pelas suas apreciáveis exportações agrícolas. As indústrias importadas dos Estados Unidos são menos atraídas pelos salários baixos do que pela existência de um mercado de certa capacidade e pela presença de mão-de-obra qualificada ou semiquificada. Parece que os investimentos pioneiros da industrialização sejam mais frequentemente europeus e nacionais que norte-americanos. Estes só se tornaram substanciais e só instalavam fábricas verdadeiramente geradoras de progresso econômico e social nos lugares em que a industrialização estava iniciada e onde, por outro lado, parte da população possuía um nível de vida assaz elevado para constituir um mercado imediatamente remunerador. Isto não acontece nos pequenos países da América Central, nem na maior parte dos países andinos, porém, ocorre com mais frequência no México e de modo mais acentuado ainda no Brasil. Acentuaram-se assim os contrastes entre os vários países. Das influências geográficas exercidas pelos investimentos americanos a de contribuir para aumentar as diferenças entre as Américas Latinas não é de menor importância.

Além dos investimentos privados, os organismos oficiais dos Estados Unidos participam do financiamento da América Latina. A partir de 1945, as doações e empréstimos só constituíram 1 a 6% do conjunto das doações e empréstimos distribuídos pelo governo de Washington, em todo o mundo. Esta "portion congrue" não pode satisfazer de maneira alguma a opinião ou os governos latino-americanos. Os jornais, os homens de negócios, os governos surpreendem-se e comentam em termos pouco afáveis o fato de o ponto IV ser aplicado com mais liberalidade no Oriente Próximo ou na África, do que na América Central ou Andina. Inquietam-se quando vêem os socorros oficiais e os investimentos privados de um grande país amigo e protetor ajudar o desenvolvimento de produtos que ameaçam fazer concorrência aos da América Latina. Os capitais fornecidos por instituições especializadas, como o "Banque Mondiale pour la Reconstruction et le Développement", "Import and Export Bank", são mais substanciais e, portanto, mais procurados pelos governos (14). O total dos empréstimos do BIRD aos países latino-americanos eleva-se, em 1954, a 457 milhões de dólares. O Brasil foi o mais favorecido, com 189 milhões. Os créditos do Banco foram concedidos para eletrificação (290 milhões), transportes (103 milhões), comunicações telefônicas e telegráficas (24 milhões), a agricultura e a indústria receberam uns vinte milhões cada uma. O primeiro financiamento concedido à indústria foi realizado, em 1953, em proveito de uma fábrica de papel de imprensa, no Chile. Desde a sua criação em 1934, o Eximport auxiliou quase todos os países da América Latina, primeiro o Chile e São Domingos, depois a Bolívia, Cuba e o Brasil. Suas primeiras intervenções destinavam-se à aquisição de material ferroviário e de navios visando a facilitar o escoamento da produção e contribuir indiretamente para o desenvolvimento do comércio exterior. Pouco a pouco os investimentos do "Eximport" orientaram-se para as indústrias de base e para o equipamento energético. Mas, uma de suas principais funções é assegurar as transfusões urgentes de dólares e de créditos que aliviam as balanças de pagamento. O exemplo das relações entre o "Eximport" e o Brasil permitirá melhor compreender o papel desta organização (15).

(14) *Economie Survey*, 1954, pp. 41-43.

(15) *Observador Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, 1953, dezembro.



Desde 1940, foram concedidos ao Brasil aproximadamente 600 milhões de dólares. A metade desta soma corresponde a um empréstimo excepcional efetuado em 1953 e liquidável em quatro anos que permitisse ao Brasil regularizar suas dívidas comerciais. As empresas americanas instaladas no Brasil receberam 60,5 milhões, dos quais a metade se destinou unicamente a uma sociedade de eletricidade, a Companhia Paulista de Fôrça e Luz. Foi com 70 milhões do "Eximport" que a Companhia Siderúrgica Nacional (sem contar as grandes contribuições nacionais) pôde construir e aperfeiçoar o centro siderúrgico de Volta Redonda. As companhias ferroviárias e às de navegação couberam 64 milhões. As indústrias extrativas de minério de ferro e de manganês obtiveram 82 milhões, estando as do Território do Amapá estreitamente associadas à "Bethlehem Steel". Uma organização oficial, a Companhia do Vale do Rio Doce, beneficiou-se com 20.500.000 dólares, o que lhe deu os meios que asseguram escoamento do ferro de Minas Gerais até o porto de vitória e a sua exportação para os Estados Unidos. A contribuição do "Eximport" para a industrialização brasileira, para a arrancada das indústrias de base e para o melhoramento dos meios de transporte foi, pois, decisiva. Ainda, na hora atual, os trabalhos de equipamento hidrelétricos e a modernização do parque ferroviário só podem prosseguir graças aos recursos desta instituição. Sua política não se afasta sensivelmente da adotada pelas empresas particulares. O apoio às sociedades norte-americanas é capital e a participação àquilo que aumenta a exportação de minérios entra na linha geral dos investimentos norte-americanos (16). Os investimentos do "Eximport" dependem, em última análise, da aprovação das grandes empresas americanas e dos interesses por elas vislumbrados. Em 1954, uma comissão da Companhia Siderúrgica Nacional foi aos Estados Unidos, na esperança de obter um novo crédito de 25 milhões de dólares que facultaria a instalação de um novo alto-forno em Volta Redonda, devendo uma soma equivalente em cruzeiros ser subscrita pelo Brasil. Tendo encontrado oposição da parte da siderúrgica norte-americana, nada obteve do "Eximport". O exemplo não deve subestimar tôdas as transformações por que o Brasil passou com o afluxo dos investimentos americanos; mostra, todavia, que êstes sabem fixar os limites que lhes convêm.

De resto, não se deve estabelecer comparação entre a eficiência dos investimentos em um país como o Brasil e a função que desempenham em países demográfica e economicamente menos evoluídos. Pôde-se demonstrar a fraca incidência que os enormes investimentos das sociedades petrolíferas tiveram na economia da Venezuela. Permitiram, certamente, liquidar a dívida externa e constituir a única balança de pagamentos da América Latina. A economia nacional, portanto, não se deteriorou, mas terá ela melhorado de tal forma que permita ao geógrafo comprovar-lhe os efeitos? Os reinvestimentos das companhias de petróleo não foram efetuados fora de seu campo habitual de ação. Apenas 3% da mão-de-obra nacional tiram proveito dos salários e das condições de vida existentes na zona dos poços. Em 1948, a produção agrícola mantinha-se no nível da de 1935. A indústria, que havia registrado progresso sensível durante a guerra, deixou de progredir de 1945 a 1949; as fábricas de sabão, as de tecidos de algodão, as pequenas empresas, relativamente espalhadas pelo país e que utilizavam mão-de-obra assaz

(16) Em janeiro de 1955, o Eximport concordou em conceder 100 milhões de dólares a um grupo de sociedades americanas, entre as quais a mais importante é a "American Smelting and Refining", para incentivar a exploração de novas jazidas de cobre no Peru. As contribuições privadas serão de 95 milhões no mínimo. O governo peruano comprometeu-se a não modificar as taxas atuais, a isentar a sociedade de todos os impostos sobre o material importado, a autorizar as exportações de cobre e deixar liberdade plena de câmbio; o Eximport vem igualmente de conceder um empréstimo de 60 milhões a uma sociedade americano-argentina para a aciaria de São Nicolas.



numerosa, foram submetidas à dura concorrência das usinas modernas de "rayon" e de produtos químicos. O estado que, em 1938, recebia, sob diferentes formas, 35 milhões de dólares das indústrias de petróleo percebeu dez vezes mais em 1949, sem que, apesar disto, haja contribuído para a constituição de capitais privados, que teriam servido à coletividade. Boas rodovias foram construídas cujos traçados, porém, correspondem a interesses políticos do que a imperativos econômicos. O total dos funcionários públicos passou de 7.000 em 1938, a 47.000 em 1942 (17).

Em Cuba, onde o fluxo dos dólares é antigo, e onde houve bastante tempo para que atuassem de modo útil, a situação não é muito diferente. Um relatório do BIRD, de 1951, mostra que os investimentos não são exclusivamente agrícolas: 48% são aplicados nos serviços públicos e nos transportes, 32% na agricultura, 11% nas indústrias, 6% no comércio e 3% nas explorações do petróleo. O relatório insiste na repugnância que sentem os capitais americanos em embrenharem-se fora das suas direções tradicionais. A renda por habitante era, em 1945, de 341 dólares, superior à de um italiano ou à de um espanhol; na América Latina, só era inferior à de um argentino (349 dólares). Mas no campo, 60% da população vivem em estado de subnutrição, e nas cidades, inclusive em Havana, a taxa é ainda de 30 a 40% (18).

Nada disto surpreende em um continente que suporta o fardo de pesada herança colonial. Os autores americanos insistem de bom grado nas conseqüências econômicas da estrutura social na América Latina, nas suas conseqüências sobre a vida política e os métodos administrativos. Dizem que "o pobre sustenta o rico"; que, em suma, a evolução na partilha dos lucros é tão lenta que, ainda se pode dizer, com Humboldt, que em parte alguma a desproporção na distribuição das fortunas é tão impressionante. Mears mostrou que, na Venezuela, os hábitos sociais e governamentais tinham contribuído para desviar do interesse coletivo os lucros que o Estado retirava do petróleo; ele desmontou o mecanismo que impediu os investimentos estrangeiros de provocar o real desenvolvimento econômico do país, atribuindo a maior responsabilidade à estrutura orgânica deste. De acordo com esse autor, pode-se observar que, de 1945 a 1948, foram feitos esforços substanciais para acelerar o desenvolvimento econômico, paralelamente a uma política de elevação dos salários, acrescentando-se, todavia, que o governo que tomou tais iniciativas não mereceu de modo algum o apoio dos investidores norte-americanos. Em resumo, o pensamento desses autores é que, no quadro atual da sociedade latino-americana, os investimentos não conseguem exercer ação profundamente inovadora (19).

É fácil verificar quanto os investimentos rendem aos Estados Unidos. Nas importações provenientes da América Latina, a parte a eles devida não é desprezível: o cobre 95%, o petróleo bruto, o chumbo, os adubos, 90%, as bananas, 75%, para o açúcar, a prata, os óleos refinados, 70%, ferro 60% (1952) (20). As organizações americanas estimam que, de 1945 a 1950, aproximadamente 40% das vendas obtidas pelos investi-

(17) Léon A. Mears, *Privat Foreign Investment and Economic Development: Venezuela, Saudi Arabia and Puerto Rico* (Inter-American Affairs, 1953, vol. 7, n. 1, pp. 3-9).

(18) *Report on Cuba*, International Bank for Reconstruction and Development, 1950, Baltimore, 1951, XXIV-1052 páginas.

(19) Elgin Williams *The promises of Latin America Economies* (Inter-American Economic Affairs, 1951, vol. 5, n. 3, pp. 40-81). Apresenta uma relação de diversos trabalhos americanos sobre os problemas da América Latina, com numerosas citações.

(20) *Survey of Current Business, Income on United States Investments, 1953*, vol. 33, n. 12, pp. 8-14.



mentos no estrangeiro, provinham da América Latina (21). Para esta, porém é difícil avaliar seu ônus. Segundo os relatórios da CEPAL, o lucro dos investimentos é da ordem de 11 a 12%; atingiu 13% em 1951, graças aos grandes investimentos que, neste ano, foram efetuados nos negócios petrolíferos que rendem 23% (22). Estas estimativas parecem modestas, pois tais proveitos são bem inferiores aos que usualmente são conseguidos na América Latina. As remessas de lucros atingiram 481 milhões de dólares, em média, nos anos de 1947-1949, 540 em 1950, 669 em 1951, 619 em 1952 (23). As saídas de dólares, a título de investimentos diretos, são bastante inferiores aos lucros que estes rendem aos Estados Unidos. De 1946 a 1951, as saídas foram calculadas em 1.629.000.000, para um rendimento de 3.078.000.000 em toda a América Latina.

Por seu lado, esta suporta um *deficit* de sua balança de pagamentos em dólares parcialmente imputável ao pagamento dos juros e dividendos: 715 milhões sobre o *deficit* superior a um bilhão de dólares em 1951. No mesmo ano, a balança brasileira apresentava um *deficit* de 310 milhões e o custo dos serviços atingia 445 milhões. No Chile, os investimentos americanos custaram 51 milhões ou seja mais de 52% do valor das exportações minerais; o excedente de sua balança comercial (650 milhões), permitia à Venezuela enviar aos Estados Unidos 287 milhões a título de renda dos investimentos. No Peru, dos 55 milhões do saldo comercial positivo deviam ser descontados 33 milhões para o mesmo fim (24). Os fatores de desequilíbrio da balança de pagamentos são múltiplos e complexos.

É difícil estabelecer-se a parte de responsabilidade que cabe de fato aos investimentos. Como avaliar o montante das exportações que provêm das novas atividades criadas pelos capitais estrangeiros? Como medir a diminuição das importações que eles tornaram possível? A situação varia não apenas de um país para outro, mas dentro do mesmo país, de um ano para outro; o peso do serviço dos investimentos pode ser repentinamente aliviado pela alta de preços dos poucos produtos exportados, ou subitamente sobrecarregados por sua queda. Assim sendo, as altas cotações do café, nos últimos anos, permitiram aos países cafeicultores supor-tar sem muito esforço por vezes até mesmo aumentar a carga dos investimentos industriais; mas é do conhecimento geral que a esta fase feliz sucedeu, há alguns meses, a queda brutal das cotações. Tornou-se, então, difícil sustentar os compromissos contraídos havia pouco.

Proceder-se-ia a uma compressão das saídas de dólares? Ir-se-ia então ao encontro de medidas de retorção, da rarefação dos investimentos e de um refreamento do progresso industrial. O que se verifica é que todos os países da América Latina, ainda que em graus diferentes, debatem-se com problemas de câmbio e de balança de pagamentos em cuja origem reaparece sempre a organização dos investimentos. As consequências são freqüentemente graves, muitos países viram-se forçados a reduzir suas importações tendo a diminuição afetado não só as matérias-primas solicitadas pelas indústrias como os bens de equipamento. Decorreu daí, para o Brasil, em fins de 1953 e em 1954, uma queda na

(21) Survey Current Business, obra citada, nota 4, e mesma revista, 1951, n. 10, p. 7.

(22) Economic Survey, 1953, pp. 39-40.

(23) Survey of Current Business, Income on U.S. Foreign Investments, 1953, vol. 33, n. 12, pp. 8-12. De acordo com a mesma publicação, Nov. 54, pp. 6-13 os lucros teriam sido de 868 milhões, dos quais 303 reinvestidos, em 1952; 747, dos quais 52 reinvestidos, 1953. Estas cifras diferem ligeiramente das que figuram no quadro 26, p. 39, do Economic Survey, 1953.

(24) Economic Survey, 1951-1952, "The balance of payments", pp. 142-157. Ver também os artigos de L. Buquet, citado, nota 2 e de Bernard Ducros, "Les investissements américains à l'étranger" (Revue Économique, 1954, n. 2, pp. 190-216).



cadência da industrialização e um recuo da produção industrial na Argentina e no México. Sob sua forma atual, os investimentos norte-americanos acrescentam-se a um conjunto de fatores que, em vez de contribuir para transformar a América Latina, retardam-lhe a marcha que, depois da guerra, se anunciava menos difícil.

Os governos solicitam, pois, modificação do sistema. Nota-se, de início, que os investimentos norte-americanos não têm a amplitude que tiveram outrora as contribuições européias. A média anual de financiamentos do "Eximport" e da BIRD, desde 1950, é de 80 milhões, isto é, apenas 18% dos investimentos dos Estados Unidos na América Latina. Esta só recebeu, depois da guerra, 20% dos investimentos diretos americanos quando, antes de 1939, recebia 25%.

Levando-se em conta as diferenças entre as rendas nacionais, para ser proporcionadas aos investimentos exteriores que empreende atualmente o Reino Unido, o montante global dos investimentos dos Estados Unidos no mundo deveria ser de 5 milhões de dólares, por ano, em vez de 1.500.000.000, cifra correspondente à média dos últimos anos (25). Os industriais e capitalistas dos Estados Unidos não têm nem as mesmas necessidades nem as mesmas intenções que os da Europa antes de 1914. Procuram, além disso, uma taxa de lucro superior àquela que satisfaz atualmente os capitais europeus; isto contribui para explicar os acordos recentes entre governos, como o da Colômbia, do Peru ou do Brasil, com grupos industriais franceses e com firmas alemãs (26).

O valor real dos investimentos diretos não atinge o das antigas inversões em títulos. Enfim, a depreciação do dólar coloca o montante dos investimentos atuais em nível menos espetacular: em valor constante, os investimentos efetuados desde a guerra não se igualam aos realizados pelos Estados Unidos durante o período de 1920-1929. O desenvolvimento da América Latina resulta hoje menos que outrora das contribuições financeiras dos países industrializados.

Esta colaboração financeira nunca foi, porém, tão necessária. Durante os anos que sucederam à guerra, a situação do comércio exterior e a maior capacidade de pagamento proporcionaram aos estados sul-americanos um aumento do consumo interno e aceleraram-lhe a industrialização, com ampla participação de investimentos nacionais. O coeficiente dos investimentos totais tinha atingido 18% da renda nacional. Mas desde 1952 a tendência mudou de direção: o coeficiente voltou a 13,5%, igual ao que era antes de 1930. A esta taxa e levando-se em conta o crescimento demográfico anual (2,4), a melhoria da renda anual *per capita* será de 1% nos próximos anos, quando deveria atingir 3,3 para corresponder às necessidades mais prementes. A contribuição dos capitais estrangeiros tornou-se cada vez mais necessária, mas sua opressão é sempre mais pesada. Entretanto, para obtê-los foram abrandadas as restrições à exportação dos capitais no Brasil, no Peru, na Argentina. A CEPAL desajaria ver elevar-se de 80 a 650 milhões de dólares por ano o montante dos investimentos públicos. Segundo a opinião de seu diretor, a América Latina tem menos necessidade dos investimentos diretos por empresas estrangeiras, do que da colaboração das organizações

(25) Le problème des investissements étrangers en Amérique Latine, nota mensal do Banque Française et Italienne pour l'Amérique du Sud, decembre, 1954, pp. 1-4.

(26) É o que favorece atualmente as empresas européias. Ler-se-á com interesse o relatório da BIRD, sobre a Colômbia, pouco favorável ao financiamento de uma indústria metalúrgica, em Paz de Rio que, como se sabe, foi realizado pela França.



públicas e internacionais (27). Na conferência dos ministros das finanças e da economia no Rio de Janeiro, os representantes de várias repúblicas sugeriram, mas sem êxito, a criação de um fundo interamericano. Por seu lado, a imprensa norte-americana objeta que "não é justo estimular os negócios de países estrangeiros, com fundos públicos que seriam negados aos homens de negócios dos Estados Unidos". Importante documento oficial americano exprime nitidamente a posição de Washington: "nossos capitais serão investidos nos lugares em que as condições políticas, a estabilidade econômica e um tratamento justo e equitativo lhes permitirão remeter a nossos acionistas lucros razoáveis (28). A permanência ou, ao contrário, a evolução da geografia humana das Américas Latinas dependem em grande parte da escolha que os acontecimentos imporão de uma ou de outra destas duas concepções de modos de investimentos (29).

(Transcrito do Boletim Geográfico n. 136-57.)

(27) Encontrar-se-á tudo isto em *Informations Latine-Américaines*, 1954, maio, 1º ano, n. 2, documentos, pp. 1 e seguintes.

(28) Relatório do Dr. Milton Eisenhower, enviado especial do presidente. *Informations Latine-Américaines*, etc. (ver nota precedente), na p. VI. Os dois pontos de vista defrontam-se sem resultados práticos, na Conferência Econômica Pan Americana do Rio de Janeiro, em novembro de 1954. Informações de imprensa deixam transparecer que contatos mais promissores foram realizados no decorrer de uma conferência de homens de negócios das Américas, realizada nos Estados Unidos, em março de 1955.

(29) Desde a redação deste estudo, o Department of Economic and Social Affairs da O.N.U. publicou um trabalho essencial: *Foreign Capital in Latin America*, New York, 1955, VIII-164 páginas. É sem dúvida o documento fundamental.

\*  
\* \*

"DEVEIS TER SEMPRE EM VISTA QUE É LOUCURA O ESPERAR UMA NAÇÃO FAVORES DESINTERESSADOS DE OUTRA, E QUE TUDO QUANTO UMA NAÇÃO RECEBE COMO FAVOR TERÁ DE PAGAR MAIS TARDE COM UMA PARTE DA SUA INDEPENDÊNCIA... NÃO PODE HAVER MAIOR ERRO DO QUE ESPERAR FAVORES REAIS DE UMA NAÇÃO A OUTRA."

**JORGE WASHINGTON**